

O mundo e o risco de caos no clima

Por **Martin Wolf**

Valor Econômico, 15.5.2013

Não há outro lugar para onde as pessoas possam ir e não há como reinicializar o sistema climático do planeta. Se vamos assumir uma abordagem prudencial nas finanças públicas, devemos assumir uma abordagem prudencial ante algo irreversível e muito mais caro.

Na semana passada, foi anunciado que - pela primeira vez nos últimos 4,5 milhões de anos - a concentração de dióxido de carbono na atmosfera ultrapassou 400 partes por milhão. Além disso, essa concentração também continua subindo a cerca de 2 partes por milhão por ano. Nesse ritmo, a concentração poderá chegar a 800 partes por milhão até o fim do século. Ou seja, todas as discussões sobre mitigar os riscos de uma catástrofe climática mostraram ser apenas palavras vazias.

A humanidade resolveu bocejar e deixar os perigos acumularem-se. O professor Brian Hoskins, diretor do Instituto Grantham para a Mudança no Clima, no Imperial College, em Londres, observa que na última vez em que as concentrações foram tão altas "o mundo ficou mais quente, em média, três ou quatro graus Celsius do que hoje. Não havia nenhuma camada de gelo permanente na Groenlândia, os níveis do mar eram muito mais elevados e o mundo era um lugar muito diferente, embora nem todas essas diferenças possam estar diretamente relacionadas com os níveis de CO₂".

Essa ressalva é apropriada. Mas o reconhecimento do efeito estufa é resultado de análise científica básica: é por causa dele que a Terra tem um clima mais agradável do que o da Lua. O CO₂ é um gás conhecido por sua contribuição para o efeito estufa. Existem efeitos de realimentação positiva decorrentes da elevação das temperaturas, por intermédio, por exemplo, da quantidade de vapor de água na atmosfera. Em suma, a humanidade está realizando uma gigantesca, descontrolada e quase certamente irreversível experiência climática na única casa que tem.

O que torna a omissão mais notável é que temos ouvido tanta histeria sobre as terríveis consequências do acúmulo de um grande fardo de dívida pública sobre os ombros de nossos filhos e netos. Mas tudo o que está sendo legado é endividamento financeiro de algumas pessoas em relação a outras. Se o pior se concretizar, ocorrerá um colapso financeiro. Algumas pessoas serão infelizes. Mas a vida vai continuar. Em vez disso, deixar como herança um planeta num caos climático é uma preocupação bem maior. Não há outro lugar para onde as pessoas possam ir e não há maneira de reinicializar o sistema climático do planeta. Se vamos assumir uma abordagem prudencial em face das finanças públicas, devemos certamente assumir uma abordagem prudencial diante de algo irreversível e muito mais caro.

Então por que estamos nos comportando assim?

A primeira razão - e a mais profunda - é que, assim como a civilização da antiga Roma foi construída com base em escravos, a nossa é construída com base em combustíveis fósseis. O que aconteceu no início do Século XIX não foi uma "revolução industrial", mas uma "revolução energética". Lançar carbono na atmosfera é o que fazemos. Como argumentei em "Climate Policy" (Políticas Climáticas), o que era o estilo de vida de alta intensidade energética nos atuais países de alta renda tornou-se uma característica mundial. A convergência econômica entre países emergentes e países de alta renda está fazendo crescer a demanda por energia mais rapidamente do que o aperfeiçoamento da eficiência energética a está reduzindo. Não apenas as emissões mundiais de CO₂, mas até mesmo das emissões per capita, estão crescendo. As emissões per capita são, em parte, resultado da dependência da China em relação à geração de energia elétrica a partir do carvão.

A segunda razão é a oposição a qualquer intervenção no mercado livre. Parte disso, sem dúvida, é motivada por interesses estritamente econômicos. Mas não subestime o poder das ideias. Admitir que uma economia de livre mercado gera um enorme custo externo mundial é admitir ser justificada uma regulamentação governamental em larga escala tantas vezes proposta pelos odiados ambientalistas. Para muitos libertários ou liberais clássicos, a própria ideia é inadmissível. É muito mais fácil negar a relevância do conhecimento científico.

Um sintoma disso é agarrar-se a fiapos. Diz-se, por exemplo, que as temperaturas médias no mundo não subiram em períodos recentes, embora estejam muito mais altas do que um século atrás. No entanto, períodos de quedas de temperatura em meio a uma tendência de alta já ocorreram anteriormente.

Uma terceira razão pode ser a pressão no sentido de reagir a crises imediatas que consumiram quase toda a atenção das autoridades governamentais nos países de alta renda desde 2007.

A quarta é uma comovente confiança em que, caso o pior venha a se concretizar, a engenhosidade humana encontrará alguma maneira esperta de administrar os piores resultados da mudança climática.

A quinta é a complexidade para firmar acordos internacionais eficazes e aplicáveis ao controle das emissões por tantos países.

Uma sexta razão é a indiferença em face dos interesses de pessoas que nascerão em um futuro relativamente distante. Como diz um velho comentário: "Por que devo me preocupar com as futuras gerações? O que elas já fizeram por mim"?

Uma razão final é a necessidade de encontrar um equilíbrio justo entre países pobres e países ricos, entre aqueles que emitiram a maior parte dos gases causadores do efeito estufa no passado e aqueles que os emitirão.

Então, o que poderia alterar esse curso? Minha opinião é, cada vez mais, de que cobranças morais não fazem nenhum sentido. As pessoas não agirão nessa escala porque preocupam-se com os outros, inclusive até mesmo com seus próprios descendentes mais remotos.

A maioria das pessoas hoje acredita que a economia de baixo carbono criaria um mundo de privação universal. Elas nunca aceitarão tal situação. Isso é verdade tanto para as pessoas nos países de alta renda, que querem manter o que têm, com para as pessoas no resto do mundo, que querem desfrutar o que as pessoas dos países de alta renda têm. Assim, uma condição necessária, embora não suficiente, é uma visão politicamente vendável de uma economia de baixo carbono próspera. Recursos substanciais precisam ser investidos em tecnologias que, com credibilidade, produzam tal futuro.

Mas isso não é tudo. Se uma oportunidade assim parecer efetivamente mais crível, também precisarão ser desenvolvidas instituições capazes de concretizá-lo.

Neste momento, inexistem tanto as condições institucionais como tecnológicas. Não há vontade política para fazer algo real a respeito do processo que orienta a condução de nossa experiência com o clima. Há muita preocupação e falatório, mas não há nenhuma ação efetiva. Para que isso mude devemos oferecer à humanidade um futuro muito melhor. Medo diante de um horror distante não é suficiente. **(Tradução de Sergio Blum).**

-x-x-x-x-x-x-x-

Vitória dos céticos da mudança climática

Por **Martin Wolf**

Valor Econômico, 22.5.2013.

Apenas a ameaça de uma catástrofe mais iminente é passível de mudar esse quadro e, quando isso acontecer, poderá ser tarde demais. Esta é uma verdade deprimente. Pode se mostrar também um fracasso condenatório.

A humanidade resolveu não enfrentar o assunto chato e deixar se acumularem os perigos reais e presentes da mudança climática. Foi esse argumento que defendi na coluna da semana passada. A julgar pela inação mundial, os céticos da mudança climática venceram. Isso torna seu ressentimento mais notável. Para o restante de nós, a interrogação que permanece é se alguma coisa ainda pode ser feita, e, se puder, o que seria.

Ao examinar a questão, uma pessoa racional deveria certamente reconhecer a magnitude do consenso dos cientistas climáticos com relação à hipótese do aquecimento provocado pelo homem. Uma análise de resumos de 11.944 estudos científicos avaliados por colegas, publicados entre 1991 e 2011 e escritos por 29.083 autores, conclui que 98,4% dos autores que tomaram posição endossaram o aquecimento global provocado pelo homem (antropogênico), 1,2% o rejeitaram e 0,4% não souberam dizer. Percentuais semelhantes resultaram de análises alternativas dos dados.

Uma possível resposta é insistir que todos esses cientistas estão errados. Isso, naturalmente, é concebível. Cientistas erraram no passado. Mas escolher esse

ramo da ciência para a rejeição, simplesmente pelo fato de suas conclusões serem tão desconfortáveis, é irracional, embora compreensível. Isso leva a uma segunda linha de ataque: insistir que esses cientistas estão corrompidos pelo dinheiro e pela fama. A isso respondo: será mesmo? Seria plausível que toda uma geração de cientistas tenha inventado e defendido um embuste óbvio em troca de ganhos materiais (modestos), sabendo que serão pegos? É mais plausível que os cientistas que rejeitam a opinião mais comum o façam exatamente por esses motivos, uma vez que interesses poderosos se opõem ao consenso com relação ao clima, e os acadêmicos que fecham com eles na discussão estão em número muito menor.

Infelizmente, por mais racional que possa ser tentar diminuir o risco de consequências catastróficas, não é isso o que está acontecendo agora ou o que parece tendente a acontecer num futuro previsível. Dados sobre a queima de combustíveis fósseis desde meados do século XVIII mostram um aumento constante das emissões anuais de dióxido de carbono (CO₂). Esses dados, é verdade, revelam efetivamente uma desaceleração do ritmo de aumento das emissões anuais na década de 1980 e de 1990. Mas essa desaceleração foi revertida na década de 2000, com a intensificação da combustão de carvão por parte da China. Atualmente, 30% do CO₂ presente na atmosfera deve-se diretamente à atividade humana.

O que está por trás dessa escalada recente das emissões está bem claro: o crescimento movido pela tentativa de alcançar os mais desenvolvidos. A China foi responsável por 24% do total das emissões mundiais em 2009, contra 17% dos Estados Unidos e 8% da zona do euro. Mas cada chinês emite apenas o equivalente a um terço que um americano e menos de 80% que um habitante da zona do euro. A China é uma economia emergente relativamente dada ao desperdício, em termos de suas emissões por unidade produzida. Mas emite, no entanto, menos per capita do que os países de alta renda porque sua população continua sendo relativamente pobre.

Com o desenvolvimento dos países emergentes, as emissões per capita tenderão a aumentar rumo aos níveis observados nos países de alta renda, o que elevará a média mundial.

Portanto, esqueça a retórica: não apenas os estoques de CO₂ na atmosfera, mas também os fluxos, estão piorando. Céticos convencidos de que o melhor a fazer é nada deveriam parar de se lamentar: eles venceram.

E o restante de nós? A probabilidade de que o ser humano alcance a redução das emissões necessária para manter as concentrações de CO₂ abaixo de 450 partes por milhão e, assim, reduza grandemente os riscos de a temperatura mundial aumentar mais do que 2°C é próxima de zero. A redução de 25% a 40% por parte dos países de alta renda até 2020, necessária para pôr o mundo nessa trajetória, não vai acontecer.

Em vista disso, nesta sinistra situação, o que deveria ser feito? Seguem-se oito possibilidades.

Em primeiro lugar, implementar os impostos sobre as emissões de carbono. Taxar coisas ruins é sempre um bom começo. No atual contexto, as emissões chegaram a esse grau deletério. Os impostos são a maneira mais simples de deslocar os incentivos. Uma vez que a receita seria creditada a cada governo, os rendimentos poderiam ser deliberadamente empregados para reduzir outros impostos - sobre o emprego, por exemplo. As complexas questões distributivas mundiais poderiam ser ignoradas. Seria melhor se fosse possível os governos se comprometerem com uma progressão de longo prazo dos impostos, dando assim aos investidores um grau de previsibilidade para o custo do carbono.

Em 2º lugar, optar pela matriz nuclear. É por isso que a França é uma economia de carbono tão notavelmente baixo. É um modelo que os outros deveriam abraçar, e não repelir.

Em 3º lugar, impor padrões de emissão realmente rígidos sobre automóveis, eletrodomésticos e outras máquinas. A inovação vai florescer em resposta à combinação de preço e padrões reguladores, como já aconteceu com tanta frequência. Nunca saberemos o que as empresas conseguem fazer se não ousarmos perguntar.

Em 4º lugar, criar um regime de comércio mundial seguro dos combustíveis de carbono mais baixo. Essa é uma maneira de convencer a China a se afastar do carvão.

Em 5º lugar, desenvolver maneiras de financiar a transferência das melhores tecnologias disponíveis para criar e economizar energia em todos os quadrantes do planeta.

Em 6º lugar, deixar os governos investirem em pesquisa e em inovação de estágio inicial, por meio de uma combinação entre financiamento à pesquisa na universidade e apoio a parcerias público-privadas. Em 7º lugar, investir em adaptação aos efeitos da mudança climática. Isso terá certamente de ser um foco da assistência ao desenvolvimento no futuro. Finalmente, estudar cuidadosamente a possibilidade de lançar mão da geoengenharia, da manipulação em grande escala do planeta a fim de reverter a mudança climática, por mais medonha que seja essa ideia.

Nada disso pode ser o suficiente para eliminar os riscos das alterações climáticas gravemente inconvenientes. A tentativa de afastar nossas alternativas das que impulsionam atualmente emissões cada vez maiores fracassou. E continuará, por enquanto, a fracassar. Os motivos desse fracasso são profundamente arraigados. Apenas a ameaça de uma catástrofe mais iminente é passível de mudar esse quadro e, quando isso acontecer, poderá ser tarde demais. Esta é uma verdade deprimente. Pode se mostrar também um fracasso condenatório. **(Tradução de Raquel Warszawski)**